

Este ano só dá barnabé na corrida ao GDF

■ *Apelido de servidor, o barnabé se sente em casa no comando do governo*

João Júnior

Vilões da eleição de 1990, quando, no auge da Era Collor, foram chamados de "marajás", os funcionários públicos podem se consagrar nas urnas em outubro.

Agora é a vez dos "barnabés", os servidores que, segundo a sabedoria popular, trabalham muito e ganham pouco.

Em Brasília, eles representam 80% dos 336 candidatos majoritários e proporcionais, e se preparam para defender a categoria.

Embora rejeitem o termo "barnabé", reconhecem que o cenário político reflete as condições sociais e econômicas da cidade.

Confiando em seu conhecimento da "máquina" do Estado, apostam que poderão fazer um bom trabalho à frente do Executivo e do Legislativo.

Trezentos mil dos dois milhões de habitantes do DF são funcionários. Federais e estaduais, civis e militares.

Em nenhuma outra cidade brasileira essa proporção é tão significativa.

Além dos próprios servidores, votam com eles os seus familiares, o que resulta numa base eleitoral de pelo menos 900 mil pessoas.

Metade dos empregos registrados em carteira são oferecidos

pela administração pública.

E desse setor saíram não apenas os "barnabés legítimos" — servidores modestos — como as estrelas da eleição de outubro.

As chapas da esquerda são compostas basicamente pelo funcionalismo.

Todos os majoritários da Frente Brasília Popular (PT, PPS, PC do B, PSB e PSTU) começaram na administração pública.

Cristovam Buarque, candidato do GDF, é professor da UnB. Sua vice, Arlete Sampaio, é médica da Fundação Hospitalar.

Lauro Campos, que disputa o Senado, também faz parte do time dos professores, assim como Carlos Alberto Torres, também funcionário do Banco do Brasil. E José Roberto Arruda, também funcionário do GDF.

Como exceções, podem ser citados o mímico Miquéias Paz, que concorre à Câmara Legislativa, e o já consagrado deputado federal Chico Vigilante.

Na chapa proporcional, mais uma vez os professores se destacam acompanhados por representantes de todas as categorias de servidores.

A situação não é diferente na Frente Progressista (PP-PTB-P-FL-PMDB), onde predominam funcionários de carreira do GDF e ex-administradores de satélites.



Das satélites para o Buriti

O Palácio do Buriti certamente será ocupado por um ex-barnabé, já que nessa categoria se enquadram cinco dos seis candidatos.

O senador Valmir Campelo (Frente Progressista) chegou à cidade há 32 anos e começou servindo cafezinho e limpando banheiros e restaurantes.

Poucos depois passou num concurso para o GDF, onde começou como datilógrafo.

De 1970 a 1986, administrou três cidades-satélites: Brazlândia, Gama e Taguatinga.

Sua principal adversária, a distrital tucana Maria de Lourdes Abadia, teve uma trajetória semelhante.

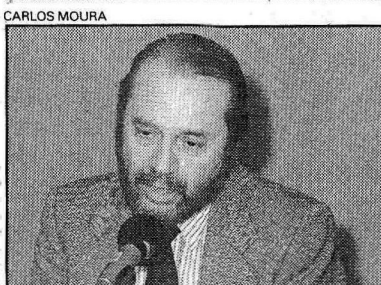
Ela se mudou para Brasília na época da fundação, e começou como assistente social do GDF, participando da construção de Ceilândia.

Como Campelo, se firmou como administradora da cidade que ajudou a levantar.

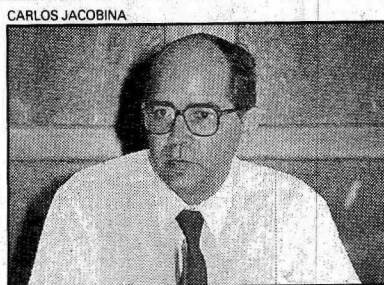
Cristovam Buarque se consagrou como reitor da Universidade de Brasília (UnB), e Paulo Timm (PDT) tem uma longa carreira.

João Ferreira (Força Alternativa) é militar da reserva, e Ildéu Araújo (Prona) aparece como exceção. Ele é advogado.

SUPERBARNABÉS



Paulo Timm:
Profissão: Economista
Onde já atuou:
Embrapa
Universidade de Brasília
Câmara dos Deputados
Senado
Ministério do Planejamento
Codeplan
Secretaria do Meio Ambiente



Newton de Castro
Profissão: Engenheiro
Onde já atuou:
Novacap
Departamento de Águas e Esgotos
Câmara dos Deputados
Empresa Brasileira de Transportes Urbanos
Departamento de Estradas e Rodagem
Secretaria de Desenvolvimento Urbano
Secretaria de Transportes
Secretaria do Meio Ambiente

Dois profissionais do serviço público

Nem todos os barnabés são "funcionários públicos modestos", como define o dicionário Aurélio.

Pela sua experiência, dois candidatos ao Buriti são "superbarnabés": Paulo Timm (PDT) e Newton de Castro (vice de Valmir Campelo).

Eles nem lembram de todos os cargos que ocuparam na administração pública, mas rejeitam o termo "barnabé", que consideram pejorativo.

"Quem cresce na máquina administrativa sabe como enfrentar melhor os problemas. Por isso, é bom que haja candidatos funcionários," analisa Newton.

Ele ressalta que os políticos experientes da cidade começaram como servidores públicos, o

que explica a grande quantidade de barnabés na eleição.

Mas Newton não gosta do rótulo. "Barnabé soa como incompetente. Hoje, o setor público tem profissionais tão bons quanto o privado".

O vice garante que a máquina não será utilizada na campanha em favor dos servidores públicos.

Timm também não se considera privilegiado.

"Estou aposentado no último nível da carreira e ganho, em termos reais, metade do que recebia quando entrei no serviço público," reclama.

O pedetista considera "inevitável" que haja muitos barnabés na briga pelos votos do brasiliense: "Isso é o retrato da cidade," avalia.

Plataforma — Vários candidatos fazem da defesa do funcionalismo sua principal plataforma.

Um exemplo é José Machado de Freitas (PDT), ex-diretor do Sindilegis, que concorre à Câmara Legislativa.

Em sua família, oito dos nove irmãos são funcionários públicos.

"A nossa categoria é o pulmão da cidade, e jamais poderá ser esquecida pelos políticos," argumenta.

Os "superbarnabés" também estão presentes na lista dos candidatos a distrital, como Paulo José Martins (PL).

Ele já passou por todos os cargos imagináveis de segundo escalão, em órgãos tão diferentes como o Sine e as Fundações Educacional e do Serviço Social.

Ele nasceu no ritmo do samba

■ Barnabé é o oposto de marajá, pois trabalha com empenho e não recebe salários altos.

O termo foi popularizado no Rio de Janeiro. Ele surgiu de um samba composto em 1947 por Haroldo Barbosa e Antônio Almeida.

O samba falava, com muito bom humor, da luta pela sobrevivência de um servidor chamado Barnabé.

Apesar de ter sido esquecido pelas gerações mais recentes, o barnabé perdeu a maiúscula e garantiu seu espaço no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

"Brasileiro, popular. Funcionário público, em geral de categoria modesta", define o Aurélio.